

GLOBALIZAÇÃO, ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL E CONFIGURAÇÃO ESPACIAL

José Luiz ALVES¹

RESUMO

O trabalho apresentado busca abordar a acumulação flexível, a ocupação do espaço e sua relação com a globalização. Faz uma breve abordagem sobre o fordismo e apresenta aspectos da transição do sistema de produção a partir de autores contemporâneos como Harvey e Santos sem se aprofundar em suas teorias e sem expor de forma explícita suas correntes ideológicas.

Palavras-chave: acumulação flexível; globalização; configuração espacial.

ABSTRACT

The presented work searches to approach the flexible accumulation, the occupation of the space and its relation with the globalization. It makes one brief boarding on the fordism and presents aspects of the transition of the system of production from authors contemporaries as Harvey and Santos without going deep its theories and displaying of explicit form its ideological chains.

Key words: flexible accumulation; occupation of the space; globalization.

1. INTRODUÇÃO

Nas duas décadas logo após a segunda guerra mundial a estrutura econômica produziu muita prosperidade e estabilidade social. Os países industriais cresceram rapidamente quando comparados com períodos anteriores, quando a inflação era moderada. O desemprego era em geral baixo e em alguns lugares negligenciáveis. Os frutos da expansão econômica eram amplamente disseminados. O sentimento geral era de bem-estar (PIORE e SABEL, 1984).

O final dos anos sessenta e início dos anos setenta, no entanto, representaram para economia mundial um momento de transformações profundas que ensejaram mudanças para economias nacionais, centrais e periféricas, bem como para as corporações.

Do ponto de vista, das nações, em especial, dos Estados Unidos da América, potencia hegemonia do mundo capitalista, essas mudanças ocorreram em função do seu papel na condução de políticas econômicas mundiais, advindo dos acordos de Bretton Woods. Por esses acordos o dólar americano foi alçado a condição de divisa internacional, lastreada em ouro e, usada como unidade de conta e reserva de valor a nível mundial.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFPE.

A crescente deterioração das contas americanas, em especial os constantes déficits em seu balanço de pagamentos, aliada a uma retomada da inflação faz surgir, no cenário mundial a ameaça de incapacidade do tesouro americano de honrar o compromisso do lastro ouro do dólar e uma conseqüente crise de liquidez. A incerteza representada por esses fatores e as medidas tomadas pelos países, em especial os países europeus, levam a que os Estados Unidos, rompam com os compromissos assumidos perante o mundo e os organismos financeiros internacionais.

Outro aspecto, relevante para a compreensão desse quadro de transformações, diz respeito, ainda nos anos sessenta, a gestação e estruturação do cartel da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), formado inicialmente pelos países árabes, em resposta ao apoio americano ao Estado de Israel, mas que representou, na prática para o mundo, o nascimento de uma organização, com poder suficiente para, de forma unilateral, majorar os preços do petróleo.

Esse quadro de crises vai provocar um movimento de insatisfação social muito grande, já que diante desses fatores a economia mundial vai conviver com um alto nível de desemprego, alimentado pelos desajustes macroeconômicos, mas, também, por crise no sistema de produção em massa, onde os avanços tecnológicos, incorporados na produção e os consequentes aumentos de produtividade, não encontra mercado para realização ou materialização dessa produção, no consumo. A esse respeito, Piore e Sabel afirmam que a crise tem origem na incapacidade da estrutura institucional dos finais dos anos 60 para acomodar a difusão das tecnologias de produção em massa.

Em resposta, a esse movimento, temos o surgimento da especialização flexível e a aceleração do processo de globalização, agora mais planetária do que nunca, com o qual todos os países passam, de alguma forma, a conviver.

As mudanças ocorridas na economia mundial desde o pós-guerra consolidaram-se a partir da década de 1970, quando a produção em série deu lugar à acumulação flexível. Era a substituição, em boa parcela do sistema produtivo industrial, do fordismo pelo toyotismo, e mudanças visíveis começavam a ocorrer em diversas esferas do sistema capitalista.

A primeira e considerável mudança foi a redistribuição da produção ocupando espaços além do domínio da linha de montagem, novas relações de trabalho e uma produção voltada para a demanda, sendo que, no todo, o propósito é atender o capitalismo e, de forma bem objetiva, fortalecer o processo de globalização, principalmente quando se refere à globalização da economia.

O trabalho apresentado busca abordar a acumulação flexível, a ocupação do espaço e sua relação com a globalização. Faz uma breve abordagem sobre o fordismo e apresenta aspectos da transição do sistema de produção a partir de autores contemporâneos, como Harvey e Santos, sem se aprofundar em suas teorias e sem expor, de forma explícita, suas correntes ideológicas.

2. GLOBALIZAÇÃO

Na tentativa de definir globalização, fica claro que a palavra remonta à idéia de um globo único, no caso específico de como a palavra vem sendo empregada nas últimas décadas do século XX, de uma economia única, com mercados dos diversos países sem fronteira entre si. Globalização pode ser entendida como “um estágio supremo da internacionalização, a amplificação em ‘sistema-mundo’ de todos os lugares e de todos os indivíduos [...] com a unificação do planeta, a Terra torna-se só e único ‘mundo’ e assiste-se a uma refundição da ‘totalidade-terra’” (SANTOS, 1993).

Nas palavras de Santos compreende-se globalização como um fenômeno de internacionalização não só referente à economia de mercado, mas também às demais esferas produtivas da humanidade que compreende a cultura das diversas sociedades contemporâneas. Não tem como negar que a globalização é fruto direto do capitalismo e teve seu processo acelerado nas últimas duas décadas em função dos avanços tecnológicos, principalmente nas áreas de informática, capitais e mercadorias que passaram a circular de maneira mais intensa entre os países.

Numa perspectiva histórica, pode-se dizer que o capitalismo surgiu com uma tendência à internacionalização e isso já foi manifestado logo nos séculos XV e XVI com as navegações ultramarinas promovidas por Portugal e Espanha, quando o mundo se inseria no mercantilismo e acontecia a acumulação primitiva de capital. A Revolução Industrial no século XVIII vem implantar de vez o capitalismo que amplia seu processo de internacionalização ao longo do século XX. Em fins do século XX, esse processo é definido como globalização: “A globalização, isto é, o processo de mundialização atual do capitalismo, é um processo multifacetado, compreendendo as transformações nas esferas financeira, comercial, produtiva e institucional” (SANTOS, 1993).

3. GLOBALIZAÇÃO FINANCEIRA

A globalização financeira, explica Gonçalves (1998) exprime-se por meio de suas funcionalizações e caracteriza-se pela interação de três processos distintos. São eles: a

expansão dos fluxos financeiros internacionais; o acirramento da concorrência nos mercados de capitais internacionais e o aumento da integração entre os sistemas financeiros nacionais.

No que se refere à expansão dos fluxos financeiros internacionais, esse processo está interligado à aceleração das diferentes formas de fluxos financeiros, envolvendo, inclusive, os empréstimos e os investimentos de portfólio e não atinge apenas os países desenvolvidos, mas também, os países em desenvolvimento (GONÇALVES, 1998). A América Latina também foi atingida por esse fenômeno, quando, no ano de 1982 teve grande parte dos países da região experimentando trajetórias de crise econômica, política e social.

Já o acirramento da concorrência nos mercados de capitais internacionais tem como característica a grande disputa por transações financeiras internacionais que envolvem bancos e instituições financeiras não-bancárias (GONÇALVES, 1998), enquanto o aumento da integração entre os sistemas financeiros nacionais caracteriza-se quando se verifica que determinado valor crescente de ativos financeiros emitidos se encontra nas mãos de não-residentes ou vice-versa.

O que se pode concluir, também, é que a globalização financeira corresponde à ocorrência, de maneira simultânea, dos três processos apontados pelo autor. No decorrer da história, esses processos existiram em maior ou em menor grau. Um exemplo: durante os 50-40 anos que antecedem a Primeira Guerra Mundial ocorre a extraordinária expansão do movimento internacional de capitais.

Ainda de acordo com Gonçalves (1998, p. 150-152) é importante ressaltar que não basta saber quais os processos que formam a globalização, mas também quais os fatores que determinaram esse fenômeno os quais o autor identifica-os em seis conjuntos de fatores.

- O primeiro é de ordem ideológica e trata da ascensão das idéias liberais que surgiram ao longo dos anos de 1980. A ascensão dessas idéias gerou a desregulamentação do sistema financeiro em escala global.

- O segundo conjunto é de ordem institucional e relaciona-se com a dinâmica do sistema financeiro internacional, tendo como principal exemplo o surgimento do mercado de derivativos de moedas e taxas de juros.

- O terceiro envolve os desenvolvimentos tecnológicos ligados à revolução da informática e telecomunicações. Tem, como resultado, a redução de custos operacionais e

de transação. Assim, as operações ficam mais baratas e os custos com coleta de informações e monitoramento dos mercados, são reduzidos.

- O quarto conjunto engloba mudanças nas estratégias dos investidores e das empresas transnacionais que operam em escala global.

- O quinto está ligado às políticas econômicas dos países desenvolvidos. De maneira especial, deve-se destacar o comportamento das taxas de juros.

- Por fim, o último conjunto de fatores tem a ordem sistêmica como característica. Neste ponto, o que importa é que a globalização financeira seja vista como parte do movimento de acumulação. Acumulação esta que se origina das dificuldades de expansão da esfera produtiva-real.

4. GLOBALIZAÇÃO PRODUTIVA

Para Gonçalves (1998) a globalização produtiva envolve a interação de três processos. São eles:

- Avanço do processo de internacionalização² da produção;
- Acirramento da concorrência internacional;
- Maior integração entre as estruturas produtivas das economias nacionais.

O acesso à internacionalização da produção pode ocorrer através do comércio internacional; através dos investimentos externos diretos e das relações contratuais. As economias nacionais têm sido levadas a um processo de interdependência mais complexo em função do processo de globalização.

5. FORDISMO

O Fordismo, pode-se dizer, surgiu entre os anos 1913 e 1914, quando Henry Ford estabelece o sistema de produção em série, em sua fábrica em Dearbon, Michigan: jornada de trabalho de oito horas diárias e o pagamento de cinco dólares por dia trabalhado – beneficiando todos os trabalhadores que atuavam na linha automática de montagem de carros. Mas, até sua implementação real disso tudo o processo foi bastante complicado, observa Harvey (2002).

Os aspectos inovadores – tecnológicos e organizacionais – trabalhados por Ford eram reduzidos a tendências bem-sucedidas. A exemplo da forma de organização elaborada pelas estradas de ferro no decorrer do século XIX, que influenciou muitos setores da

² Internacionalização da produção ocorre quando residentes de determinado país têm acesso aos bens e serviços que se originaram de outros países.

indústria, principalmente após uma crescente fusão e formação de trustes e cartéis por parte dos fabricantes americanos no final por volta dos anos 1888 e 1902.

Baseado em antigas técnicas trabalhistas, Ford elaborou uma divisão do trabalho e apesar da forma como esse instrumento chegou ao trabalhador (de maneira fixa) ele atingiu escassos resultados em relação à produtividade. A obra *Princípios da Administração Científica* de Frederick Winslow Taylor³ foi fundamental para o sustento do fordismo que, juntamente com taylorismo, comandou a forma de produção durante a maior parte do século XX.

O que diferenciou o fordismo do taylorismo foi a forma de ligar a produção de massa ao consumo de massa encontrado no sistema de produção de Ford, sendo este “um novo sistema de produção da força do trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, moderna e populista” (HARVEY, 2002).

Por sua precária elaboração o movimento Fordista se constituiu dentro de uma complicada e duradoura história que se arrastou por aproximadamente meio século. Isso em consequência de uma miríade de decisões individuais, corporativas, institucionais e estatais, na maioria definidas ao acaso ou em resposta às influências da crise do capitalismo ocorrida nos anos 30 – a Grande Depressão (HARVEY, 2002).

Ao que se percebe, duas forças limitaram a expansão do Fordismo no período de guerra: no mundo capitalista o estado das relações de classe não era aceitável facilmente frente a um sistema produtivo que visava o acomodamento do trabalhador com longas jornadas de trabalho rotineiro onde as habilidades tradicionais foram postas de lado e elevou-se um controle até então não vivenciado pelos trabalhadores fundamentado num projeto de ritmo e aceleração da produtividade. Tal projeto sustentava-se basicamente na mão-de-obra imigrante.

A rotatividade mostrava-se de forma monstruosa. Por outro lado, no resto mundo capitalista, a organização do trabalho e as atividades artesanais tradicionais eram significativas e a mão-de-obra imigrante escassa não proporcionando a ambos os movimentos (fordismo e taylorismo) bons resultados referente à produção, apesar da aceitação e aplicação dos princípios gerais da Administração Científica (HARVEY, 2002).

³ Frederick Winslow Taylor (1856-1915) escreveu esse livro em 1911, sendo considerado um importante tratado que traçava mecanismos para um aumento radical na produção por meio da alteração do processo de trabalho organizado de forma fragmentada dentro de um padrão pré-estabelecido de tempo. Ou seja: com o trabalho organizado num determinado espaço de tempo, o trabalhador produz mais e ganha mais salários, enquanto o patrão, mesmo pagando mais salários, terá mais produção e mais lucros.

Para Harvey (2002), o fordismo se apoiou e contribuiu para a estética do modernismo e tem sido visto como um mero sistema de produção em massa, muito mais do que como um modo de vida total. Para ele este fato tem que ser modificado. E o autor continua explicando que a “produção em massa” representa padronização do consumo e do produto e que para que a produção em massa possa ser caracterizada, faz-se necessária a criação de uma nova estética cultural. Neste sentido, alguns historiadores discordam, acreditando ser esse processo, prejudicial à ética trabalhista e ao capitalismo.

Por volta de 1945, quando o estado se utilizou de poderes próprios, o Fordismo alcançou sua maturidade enquanto regime acumulativo pronto e acabado. Por um longo tempo, depois da guerra este movimento se manteve intacto, aproximadamente até 1973. Neste período os países capitalistas mais desenvolvidos alcançaram fortes taxas, mas permaneceram estáveis em relação ao crescimento econômico.

Uma gama de indústrias programadas em tecnologias amadurecidas no período entre-guerras teve, neste momento, seu apogeu levadas a superarem novos desafios na Segunda Guerra Mundial. Aspectos como: fabricação de carros, navios, equipamentos de transporte, o aço, produtos petroquímicos, a borracha, os eletrodomésticos e a construção funcionaram como impulsionadores do crescimento econômico mundial, centralizados em determinadas regiões de grande expansão produtiva. Destaque para o Meio Oeste dos Estados Unidos, a Região Rur-Reno, as terras Médias do Oeste da Grã-Bretanha, a região produtiva de Tóquio-Iocoama, entre outras (HARVEY, 2002).

Esse fenômeno elevado e expansivo de crescimento econômico no pós-guerra, submeteu-se a uma série de ajustamentos e compromissos por parte dos personagens principais mantedores do processo de desenvolvimento capitalista aponta Harvey (2002):

- O estado teve novo perfil, reformular-se institucionalmente;
- O capital corporativo sofreu ajustamentos em determinados aspectos para alcançar caminhos que levassem a lucratividade segura;
- A organização trabalhista assumiu novos papéis, adequando-se aos novos processos funcionais referentes ao desempenho e ao mercado de trabalho e de produção.
- O equilíbrio do poder vigente entre trabalho organizado, capital corporativo e nação – Estado foram à base para a expansão pós-guerra, alcançado através de longo período de luta.

6. TRANSIÇÃO DO FORDISMO PARA O TOYOTISMO

Um dos principais setores econômicos das forças produtivas do início do século XX, a indústria automobilística, decalcada sobre a figura de um dos seus maiores empresários, Henry Ford, conceituou um específico padrão de acumulação capitalista que caracterizou o pós-guerra. A sociedade de consumo e de produção em massa promovida pela acumulação capitalista fordista revelou a sua incapacidade de continuar a promover o crescimento econômico e a manutenção da realização de lucro na crise do início dos anos setenta. A política da acumulação fordista poderia ser caracterizada pelo *Welfare-State*⁴ e pelo intervencionismo keynesiano⁵.

Seguindo o raciocínio de Harvey (2002), no período de 1965 a 1973, a incapacidade de conter as contradições do capitalismo, inerente ao fordismo e ao keynesianismo, tornou-se ainda mais evidente. Tratando do debate teórico surgido na época, Harvey (2002) explica que a transição do fordismo para a acumulação flexível promoveu dificuldades para as teorias. Para ele, os keynesianos, monetaristas e neoclássicos sofreram perturbação. Os marxistas, por sua vez, adquiriram dilemas com essa transição. Aqueles que pretendiam teorizar o assunto, decidiram se limitar à aquisição de dados apenas, para que, desta forma, pudessem acompanhar as rápidas mudanças.

A crise detonada pelos problemas do petróleo, na década de 1970, revelou um novo período caracterizado pela inflação, desemprego estrutural, déficit público e recessão. A saturação dos rígidos padrões da acumulação fordista e de suas forças produtivas cedeu vez a um novo conjunto de forças produtivas como a micro-eletrônica, as biotecnologias e a sofisticada estrutura de serviços organizados em um novo padrão flexível de acumulação capitalista.

A informática, o *just-in-time*⁶, a qualidade, a automação, as redes de mercados, a logística, a terceirização, o marketing, as sub-contratações, as franquias, o decréscimo numérico do proletariado e a desindustrialização desenharam um novo mundo, um novo

⁴ *Welfare-State* pode ser traduzido por estado de bem-estar social. O Welfare-State surgiu nos países europeus devido à expansão do capitalismo após a Revolução Industrial e o Movimento de um Estado Nacional visando a democracia. O Welfare-State é uma transformação do próprio Estado, a partir das suas estruturas, funções e legitimidade. Ele é uma resposta à demanda por serviços de segurança sócio-econômica. Apresenta sintomas de crise na década de 1970.

⁵ No pós-guerra o padrão “reformista keynesiano”, ou de “economia mista”, completou-se e expandiu-se por todos os países capitalistas centrais (OLIVEIRA, 1998).

⁶ O método *just in time* desenvolveu-se a partir da idéia de que o trabalhador deveria ir buscar as peças utilizadas e não ficar esperando-as, como ocorria no modelo taylorista-fordista. Acabou sendo considerado mais do que uma técnica de gestão da produção, mas sim, uma filosofia, onde se produz apenas o que o mercado necessita e são considerados aspectos de gestão de materiais, gestão da qualidade, organização física dos meios produtivos, engenharia de produto, organização do trabalho e gestão de recursos humanos.

estilo de vida e uma nova sociedade com novos padrões culturais, artísticos e estéticos abrigados no pós-modernismo. Antunes (2000) destaca que na década de 1970 ficou evidente a crise estrutural do capital, uma consequência da crise do padrão de acumulação taylorista-fordista. Assim o capital deu o início a um vastíssimo processo de reestruturação para recomperar o seu ciclo reprodutivo.

7. TOYOTISMO

O toyotismo surgiu no Japão na década de 1950⁷, mas foi com a crise capitalista dos anos 1970 quando começou a ser reconhecido no Ocidente como “uma opção possível para a superação capitalista da crise” (ANTUNES, 2000), pois pode enfrentar melhor a crise econômica e situação de mercado por adaptar-se melhor a uma economia em crescimento lento.

O toyotismo acabou identificado como uma nova ideologia orgânica da produção de mercadorias, se impondo como “modelo japonês” e assumindo uma projeção global que tende a torná-lo não mais vinculado às suas particularidades originárias. No começo da segunda metade do século XX, surgiu como uma série de princípios e dispositivos organizacionais voltados para adequar a produção capitalista às novas determinações do sistema orgânico do capital: a globalização e sua instabilidade sistêmica, a financeirização e a III Revolução Tecnológica surgida no Japão, a qual tem como base material a informática, a robótica e um forte sistema de telecomunicação.

Nesse processo prevalece uma linha de produção *just in time*, o que quer dizer sistema de produção em tempo justo. Em contrapartida ao taylorismo, existe uma interação da gerência com o setor produtivo. Ao contrário do fordismo, a produção se estrutura num processo produtivo flexível, em pequenos lotes, sem estoque, voltada para a demanda (HARVEY, 2002).

A proposta do sistema toyotista é tornar o trabalhador polivalente, capaz de manusear até cinco máquinas ao mesmo tempo, em uma equipe integrada com intensidade, exigindo menos hierarquização. O trabalhador toyotista é diferenciado do fordista uma vez que os níveis de escolarização são sensivelmente mais altos e vão terminar por tornarem-se necessários à implementação de algumas técnicas de gestão – como o controle estatístico

⁷ O toyotismo foi implantado na fábrica Toyota, de propriedade do engenheiro Ohno Toyota, que, após 1945, passou a fabricar bicicletas com motor acoplado, numa tentativa de contornar a crise de combustíveis enfrentada pelo Japão após a Segunda Guerra Mundial. Também é conhecido por ohnismo.

de processo – e políticas de pessoal. Harvey (2002) adverte que a aprendizagem ocorre na prática e é integrada ao planejamento a longo prazo.

Para Harvey (2002) a luta competitiva sempre foi movida pelo conhecimento científico aliado ao conhecimento técnico. Em um mundo repleto de mudanças de necessidades e de diferentes sistemas de produção flexíveis, o fato de se ter maior conhecimento sobre determinado produto resulta na possibilidade de se alcançar importante posição no meio competitivo.

No toyotismo o volume de investimento é alto em virtude da modernização no setor tecnológico que inova sempre. Por outro lado, o toyotismo está contextualizado no neoliberal, doutrina que defende a tese de que o mercado é quem deve auto-regular a economia. Assim a ação do Estado é flexível, podendo financiar pesquisa e desenvolvimento, liderando inovações e intervindo de forma direta em mercados através de aquisição (HARVEY, 2002).

A produção deste sistema é horizontalizada⁸; a empresa que atua com sistema toyotista mantém uma grande elevação de produtividade em ritmo acelerado. Teoricamente, o sistema defende o controle de qualidade da produção e oferece grande segurança no emprego para trabalhadores centrais (emprego perpétuo). “Nenhuma segurança no trabalho e condições de trabalho ruins para trabalhadores temporários” (HARVEY, 2002).

A empresa toyotista tende a ser uma empresa enxuta e se constitui em rede. Em alguns setores importantes do novo mundo industrial e de serviços a corporação principal tendeu a se concentrar na criação e *marketing*⁹ e no controle do desenvolvimento da tecnologia (com a propriedade da marca passando a exercer a função de um capital fictício). A empresa terceirizada de grande porte, por outro lado, tendeu a concentrar-se na produção e na logística manufatureira.

8. GLOBALIZAÇÃO E CONFIGURAÇÃO ESPACIAL NA NOVA ORDEM ECONÔMICA

O fenômeno da globalização constitui a causa de transformações do espaço geográfico, acarretando a mundialização dos espaços. As informações instantâneas aproximam os lugares e amplia a tomada de conhecimentos acerca dos acontecimentos.

⁸ A produção horizontalizada ocorre quando a empresa terceiriza para outras empresas etapas de produção de uma única peça.

⁹ Marketing: neologismo norte-americano que designa a moderna técnica de comercialização.

Como principais características da mundialização dos espaços, destacam-se:

- A formação de um meio técnico, científico e informacional;
- A transformação dos territórios nacionais em espaços nacionais da economia internacional;
- A concentração da produção em unidades menores, aumentando as relações;
- Aceleração das formas de circulação;
- O papel da organização e dos processos de regulação das regiões;
- A tensão entre localidade e globalidade, que aumenta de acordo com o processo de globalização.

De acordo com Benko (2002), existem laços estreitos entre a rede mundial das empresas capitalistas e as grandes cidades. Para ele, as grandes cidades são consideradas “centros geográficos privilegiados”. O desenvolvimento dessas “cidades globais” favorece a desregionalização dos sistemas urbanos e deriva-se de diferenciações funcionais cada vez mais acentuadas.

É aí que a produção flexível se demonstra na ocupação do espaço. Lembra Santos (1993), que na era da globalização, apesar de existir a forte expansão do comércio internacional, a parte mais expressiva da produção ainda é destinada ao mercado consumidor local. Sua idéia principal é a compreensão do importante papel das cidades consideradas de médio porte e que se encontram em localizações interessantes para as atividades econômicas.

“A globalização da economia metropolitana na economia regional caminha de par com o estabelecimento de uma nova organização territorial que aparece, ao mesmo tempo, como um efeito e como uma causa do desenvolvimento geral” (BENKO, 2002). Assim sendo, pode-se perceber o quanto a produção local é importante na estrutura da economia globalizada e desempenha papel fundamental na economia mundial.

Santos (1993) prossegue ressaltando a importância de refletir sobre a reestruturação espacial atualmente aplicada, observando como esta nova fase econômica é refletida no espaço. Para entender o que propõe o autor se faz necessário uma breve retrospectiva histórica lembrando que os anos de 1980 foram marcados pelos debates acerca da derrocada do modelo de expansão econômica oriunda do Pós-Segunda Guerra. Santos (1993) enfoca que a tensão daquela época foi tão intensa que surgiam questionamentos sobre a superação do capitalismo ou, ainda, se o capitalismo estaria entrando em uma nova fase.

Ainda de acordo com Santos (1993) o ocorrido foi resultado do processo de concentração do capitalismo e da utilização de tecnologias aplicadas à viabilização econômica. Para Santos (1993), importantes mudanças, na dinâmica da economia, puderam ser identificadas com relação ao processo de globalização. Houve limitação da capacidade intervencional do Estado no que diz respeito às políticas macroeconômicas. As tradicionais políticas se tornaram inócuas e cresceram, de maneira especial, as possibilidades de deslocalizações dos investimentos.

Os anos de 1970 marcaram o surgimento de articulações na nova configuração espacial. De acordo com Santos (1993) alguns fatores contribuíram para a referida reestruturação espacial e são resultados da globalização dos mercados, em conjunto com a urbanização da população. “A globalização, isto é, o processo de mundialização atual do capitalismo, é um processo multifacetado, compreendendo transformações nas esferas financeira, comercial, produtiva e institucional.” (SANTOS, 1993).

No âmbito financeiro, a globalização originou-se da desregulamentação dos mercados financeiros mundiais. Conforme afirmado por Santos (1993, p.5) houve atração de um “volume crescente de recursos da esfera produtiva” e essas transformações acarretaram diminuição dos custos de deslocamento espacial e ampliação dos espaços.

Na esfera comercial, a globalização representa a tendência à homogeneização e promove ganhos das escalas de produção. Santos (1993) ressalta que a globalização representa um dos pontos da nova ordem econômica mundial.

A globalização, no que se refere à produção, é tida como um fenômeno da produção mundial de bens. Com base nas idéias de Santos (1993, p.6), diversas economias nacionais participaram com diferentes insumos e aportes. Para ele, a globalização produtiva representa o resultado da competição existente entre as organizações empresariais que possuem acesso a todas as partes do planeta. Este tipo de pensamento permite concluir que o mercado possui poder sobre organização econômica e sobre a espacialização da produção.

Os estudos de Santos (1993) registram que, na Antigüidade, as cidades desempenhavam um papel político mais eminente. Eram mais claras as suas performances de centros de controle político e militar. Para ele, com a Idade Média, mesmo existindo a descentralização política e econômica, diversas cidades foram tidas com centros de comércio. Nestes pontos, as cidades eram parte de uma rede comercial mundial em formação, sobretudo, no final da Idade Média. Com relação ao capitalismo, as cidades possuem papéis bem distintos.

Santos (1993) concluiu que o capitalismo trata-se de um sistema econômico movido por inovações técnicas, com tendência a expandir os territórios e setores, gerando excedentes de produção, retirando trabalhadores do campo e abastecendo populações urbanizadas.

9. CONCLUSÃO

Numa breve análise da relação entre a acumulação flexível e o espaço geográfico fica claro que essa modalidade de produção industrial vem atender a fase a qual vem dando um novo formato ao capitalismo: a globalização. Compreende-se que a cidade tem papel fundamental na construção da economia globalizada e que a fábrica trabalha com sua produção horizontalizada, atingindo outros espaços.

No tangente à transição do fordismo para a acumulação flexível o que é mais visível na transição é justamente a distribuição do espaço físico ocupado, quando a produção passa a ser horizontalizada, ou seja, terceirizada. Assim a produção sai das fábricas e se distribui por vários pontos da cidade e da região, distribuindo a geração de empregos e surgindo pequenos empreendedores.

Por outro lado, mesmo se configurando a uniformização do mundo, face à globalização, é importante ressaltar que os oligopólios têm, como fonte de lucros, a exploração das desigualdades nacionais.

10. REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. 2000. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez.

BENKO, G. 2002. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. 3. ed. São Paulo: Hucitec.

GONÇALVES, R. et al. 1998. **A nova economia internacional: uma perspectiva brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus.

HARVEY, D. 2002. **Condição pós-moderna**. 11.ed. São Paulo: Loyola.

OLIVEIRA, C.A.B. de. 1998. Industrialização, desenvolvimento e trabalho no pós-guerra. In: **Economia & Trabalho: textos básicos**. Marco Antônio de Oliveira (Org.) Campinas: Unicamp.

PIORE, M.J.; SABEL, C.F. 1984. **The second industrial divide: possibilities for prosperity**. New York: Basic Books.

SANTOS, M. 1993. Os espaços da globalização. In: **Anais do III Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. São Paulo: USP.